

A catedral

João César das Neves

Com frequência, como toda a gente, tenho de dizer qual é a minha profissão. Quando preencho algum impresso ou me apresento a um desconhecido, devo informar o que faço na vida. A minha resposta é, com frequência, que sou "professor universitário", ou então "economista". Mas é mentira. A minha verdadeira profissão não é nenhuma dessas. Mas demora demasiado tempo a explicar. Para o fazer, tenho de contar uma história conhecida.

Um dia, o rei Luís IX, S.Luís de França, visitou as obras da catedral de Chartres, em reconstrução depois do seu incêndio em 1194 causado por um raio. O rei, passeando pela construção, ia perguntando a cada um o que estava a fazer. As respostas foram várias.

Um carpinteiro afirmou-lhe que estava a fazer um dos bancos da nave central; um pedreiro lamentou-se que estava a trabalhar para ganhar a vida e dar de comer aos filhos; um escultor, apontando para um capitel a que dava os últimos retoques, explicou que estava a seguir as novas regras da arte gótica, criando uma linha decorativa revolucionária.

Depois de perguntar a muita gente, e ter recebido respostas variadas, o rei encontrou, num canto escuro, um velhinho curvado varrendo aparas de madeira. Quando o rei lhe perguntou o que estava a fazer, o velho respondeu: "Estou a construir uma catedral!".

Quando nos perguntam a nossa profissão, podemos responder de muitas maneiras. E a resposta, qualquer que ela seja, é sempre muito importante e significativa. O nosso trabalho é uma parte essencial da nossa vida. O grande economista Alfred Marshall, na primeira página do seu manual teórico de 1890, dizia que "a profissão em que uma pessoa ganha a sua vida enche geralmente os seus pensamentos durante a esmagadora maioria daquelas horas em que o espírito está no seu melhor; nelas, o seu carácter está a ser formado pela maneira como usa as suas capacidades no trabalho, pelos pensamentos e sentimentos que ele sugere, e pelas relações com os seus colegas, empregados e empregadores."

Todos sabemos que o impacto do trabalho sobre a nossa vida é esmagador. A nossa profissão, a forma como cada um a vê e a forma como a vive, são determinantes essenciais

do carácter humano. É sobretudo por isso que o desemprego é tão devastador em termos pessoais.

Mas a influência inversa também é essencial. O sentido do trabalho é-lhe dado, antes de mais, pelo carácter da pessoa que o pratica. A forma material da tarefa é importante; mas mais importante é o espírito com que cada um se entrega à função que o ocupa tão absorventemente. É isso que faz toda a diferença. E essa diferença vê-mo-la todos os dias, tal como o rei a viu nas respostas que recebeu.

Para alguns, o seu emprego é apenas uma tarefa. O trabalho é visto na sua simples forma operativa. E esta atitude tanto pode ser a de um carpinteiro, que passa a vida a repetir os mesmos gestos, como de um gestor financeiro cuja tarefa concreta muda a cada instante. Trabalhos exteriormente muito excitantes podem ser feitos rotineiramente por aqueles que apenas lhe entendem o mecanismo.

Para outros, o trabalho é um mal necessário. Revoltados contra a sociedade ou meramente resignados com a natureza das coisas, muitos sentem que a profissão é algo que têm o dever de desempenhar. Uns acham-se com sorte por esse dever ser leve, outros bramam por ser duro. Mas para ambos é apenas um dever, como para o pedreiro da história.

Ainda para outros, a sua profissão é o local de realização pessoal. Vêem-se e revêem-se na função que, ou desempenham com gosto, ou anseiam por poder fazê-lo. Sentem-se felizes e orgulhosos do que fazem, ou aspiram à felicidade no emprego cobiçado. Todos conhecemos este tipo de trabalhadores, também aqui em todas as profissões. Lavradores, militares, operários, polícias, escultores, tendo muita honra em ser o que são, ou esperança de o vir a ser, encontram no seu trabalho a razão da sua vida.

Finalmente há os que encontram no sentido da sua vida a razão do seu trabalho. São aqueles que põem tudo o que são em tudo o que fazem. Esses dedicam a vida a contruir uma catedral, mesmo quando apenas estão a varrer aparas de madeira.

"Se me perguntarem qual gostaria que fosse o sentido geral dos meus filmes, eu responderia que quero ser um dos artistas na catedral da grande planície." Assim escreveu Ingmar Bergman na introdução ao seu argumento de "O Sétimo Selo". Haverá alguma coisa mais no trabalho ?

O trabalho que quero ter é só um. Quando, enquanto professor, me defronto com um grosso tratado de teoria abstracta ou explico um raciocínio óbvio a um aluno menos dotado;

quando, enquanto economista, vejo um sobressalto na economia portuguesa ou digo a minha opinião a uma pessoa, importante ou não, estou sempre a fazer a mesma coisa. A mesma coisa que faço quando, enquanto pai, limpo o nariz à minha filha ou, enquanto cidadão, escrevo um artigo de jornal. O que eu sou na vida é sempre a mesma coisa. Sou um dos trabalhadores na catedral da grande planície.

Mas não basta querer para entrar na catedral. É tão fácil esquecer a verdadeira finalidade a tarefa, embrulhados como estamos na confusão da vida. Os carpinteiros, pedreiros e escultores fazem frequentemente esquecer a verdade do varredor: somos construtores da catedral. Temos de fazer um esforço contínuo para não perdermos o sentido do que realmente estamos a fazer.

E trabalhar na catedral eleva a pessoa ao mais alto que é possível. "O homem deve imitar Deus, tanto quanto trabalha, como quando repousa, dado que o mesmo Deus quiz apresentar-lhe a sua obra criadora sob a forma de trabalho e sob a forma de repouso", diz o papa João Paulo II na encíclica *Laborem Exercens*, um dos textos económicos mais profundos, interessantes e surpreendentes do século XX.

Cada um procura o sentido da sua vida. E isso manifesta-se, com especial relevância no trabalho, que "enche geralmente os pensamentos durante a esmagadora maioria daquelas horas em que o espírito está no seu melhor". A busca do sentido determina a definição do próprio trabalho. É esse, no fundo, o principal esforço que o nosso trabalho exige.

E nesse esforço, o meu herói é um homem que viveu há vários séculos, e de quem conheço muito pouco. Era um frade que não sabia ler nem escrever, cantava mal, tinha dificuldade em falar em público, era fraco e doente. Nas múltiplas tarefas do mosteiro, a única que podia desempenhar com alguma eficiência era a de abrir a fechar o portão quando alguém chegava. Mas uma vez, quando a sineta da porta tocou, houve quem o ouvisse murmurar com fervor: "Já vou, Senhor!".

Este homem, para os outros, nunca fez nada de útil. Tinha a profissão mais desprezível e sem sentido que existe. Mas ele ocupou um lugar insubstituível na edificação e condução do mundo. Foi o porteiro de Deus. Passou a vida a abrir a porta, mas abriu-a sempre ao Salvador dos homens, o Senhor do Universo.

Diário de Notícias, 3 de Outubro de 1995